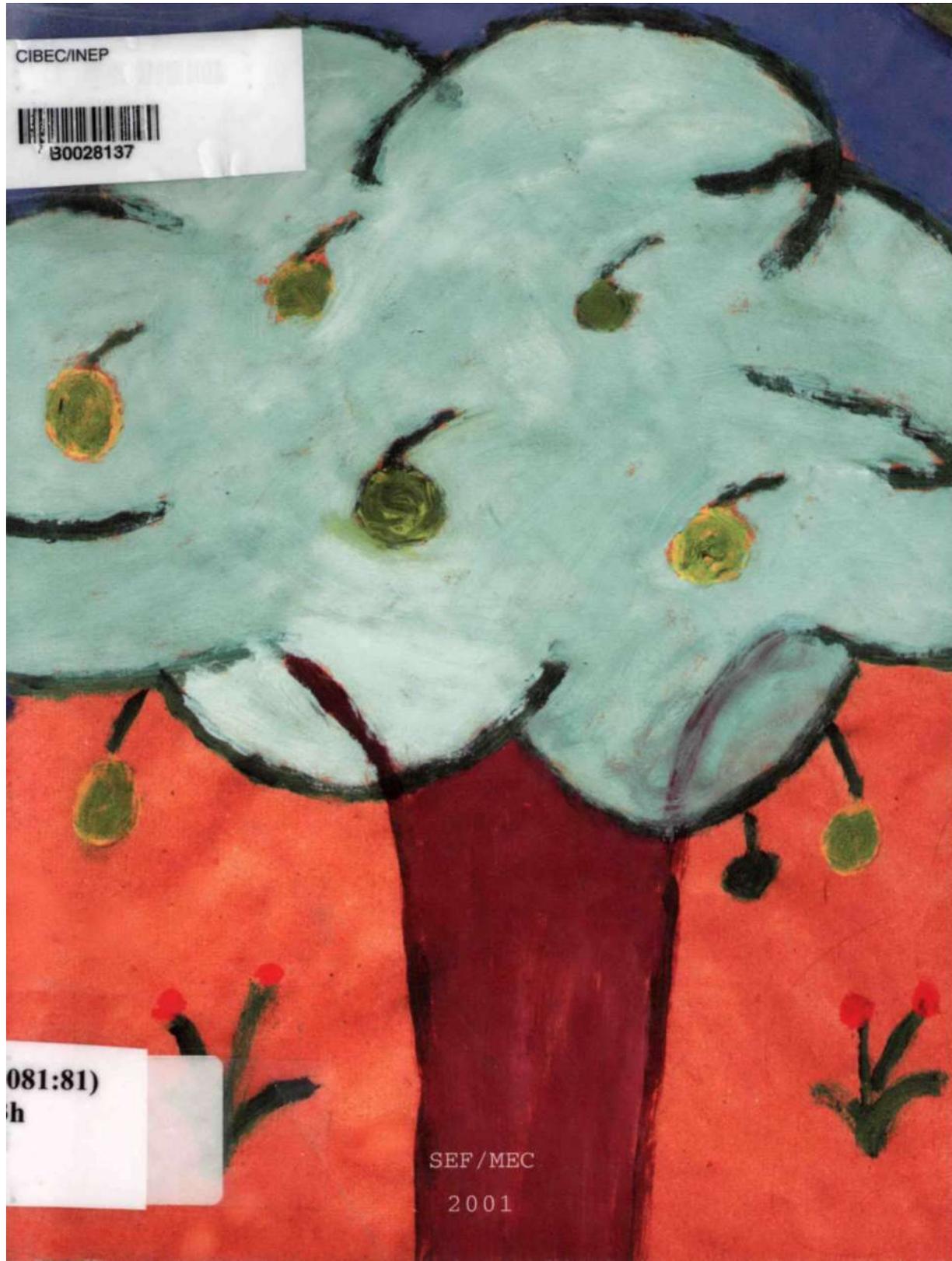


CIBEC/INEP



80028137



081:81)
h

SEF/MEC

2001

UMA HISTÓRIA KAIINGANG DE SÃO PAULO:
TRABALHO A MUITAS MÃOS

Presidente da República:

Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Educação:

Paulo Renato Souza

Secretário Executivo:

Luciano Oliva Patrício

UMA HISTÓRIA KAINGANG DE SÃO PAULO:
TRABALHO A MUITAS MÃOS



SEF/MEC
MARI
WWW
2001

Secretária de Educação Fundamental:

Iara *Glória* Areias Prado

Diretor de Política da Educação Fundamental:

Walter Kiyoshi Takemoto

Coordenador-Geral de Apoio às Escolas Indígenas:

Jean Paraízo Alves

MEC/SEF/DPE

Coordenação-Geral de Apoio às Escolas Indígenas

Esplanada dos Ministérios Bloco L sala 721

70047-900 - Brasília/DF

Tel.: (61) 410 8630 e (61) 410 8997

Fax: (61) 410 9274

e-mail: cgaei-sef@mec.gov.br

Uma história kaingang de São Paulo : trabalho a muitas
Mãos / *Ana Vera* Macedo (org.) - Brasília : MEC;
Coordenação-Geral de Apoio às Escolas Indígenas, 2001.

55 p. : il.

1.Cultura indígena 2.Educação Indígena
I.Título.

CDU 37(=081:81)

UMA HISTÓRIA KAINGANG DE SÃO PAULO: TRABALHO A MUITAS MÃOS

ANA VERA MACEDO (ORG.)

PESQ. ADEMIR GOMES CONECHU

PROF. EDEVALDO COTUI

PROF. ILSON IAIATI

PROF". LIDIANE DAMASCENO DE OLIVEIRA NAIM

PROF. MÁRCIO PEDRO

PESQ. MÁRIO CECÍLIO DAMASCENO TEPÓ

PESQ. MAURÍCIO PEDRO CAMPOS KELÓ

PESQ. CÂNDIDO MARIANO ELIAS HIPOLIO 'Ó



00088

¹ Professora do projeto "As escolas Kaingang, Terena e Krenak: contribuições para um recomeço" RI de Icatu. Patrocinado pelo MEC, em dezembro de 1999 este projeto concretizou-se através da realização de um curso de formação de professores para escolas indígenas dos postos de Icatu e Vanuíre, no oeste paulista.

² A formação e a experiência dos pesquisadores índios do Icatu, realizada de 1998 a 1999, está descrita no texto *Formação de pesquisadores índios e o método histórico: uma experiência no Icatu*, publicado no livro *Práticas Pedagógicas na escola Indígena*, organizado por Aracy Lopes da Silva e Mariana Leal Ferreira, Editora Global/FAPE-SP/MARI-USP, São Paulo. No prelo.

APRESENTAÇÃO

ANA VERA MACEDO

PESQUISADORA DO MARI-USP¹

Esta versão da história Kaingang de São Paulo é o resultado do trabalho realizado por muitas pessoas: pesquisadores Kaingang e Terena de Icatu que, desde 1998 se empenharam em conversar com os mais velhos, lembrando a história; professores Kaingang, Terena e Krenak de Icatu e Vanuíre que, debruçados, juntamente com os pesquisadores, sobre textos e gravuras, pensaram, repensaram, escreveram e reescreveram sobre os assuntos que compõem este livro; D. Catarina, de 74 anos, moradora do Icatu; e Dr. Maurício Pedro, advogado Terena que vivera em Icatu entre 1940 e 1945. Dr Maurício veio especialmente da Aldeia de Cachoeirinha, no Mato Grosso, onde mora atualmente, para encontrar o grupo. Ambos, puxando pela memória, auxiliaram com suas lembranças e esclarecimentos.

Pode-se perguntar: se há três etnias envolvidas neste projeto, por que este livro só conta histórias de antigamente sobre os Kaingang? E preciso esclarecer: ao mesmo tempo em que pesquisadores índios² faziam seu trabalho em Icatu, estava sendo feita uma ampla pesquisa sobre a história dos Kaingang e a

construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil em arquivos de documentos históricos e em livros antigos e atuais³. Com a realização de um curso de formação de professores índios em 1999, os resultados das diferentes pesquisas serviram como ponto de partida para um estudo da história da região do oeste paulista, onde estão localizadas as terras Indígenas de Icatu e Vanuíre.

O Posto Indígena Icatu, com área de 122 alqueires, localiza-se próximo à Rodovia Assis Chateaubriand. Sua população de aproximadamente 120 habitantes é das etnias Kaingang, Terena e seus descendentes. O Posto Indígena índia Vanuíre, possui uma área de 205 alqueires e sua população é de aproximadamente 170 habitantes, predominantemente Kaingang e Krenak.

Sendo esta publicação o resultado do trabalho das três etnias envolvidas e, pensando em sua futura utilização em escolas urbanas próximas às terras indígenas, a língua portuguesa tornou-se o principal veículo da expressão dos trabalhos realizados.

Há neste livro alguns textos e gravuras que não foram elaborados pelos professores e pesquisadores índios. São documentos consultados nos arquivos da Funai do Rio de Janeiro, em bibliotecas e institutos de pesquisa de São Paulo, assim como são cópias de jornais, relatórios, fotos, mapas entre outras fontes e também documentos extraídos de livros, muitos deles escritos no início do século XX, época em que foi construída a

³ Macedo, A. V., 1999, *Levantamento documental e bibliográfico sobre a história kaingang e a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil*, 4º Relatório Científico do projeto temático *Antropologia, História e Educação: A Questão Indígena e a Escola*, encaminhado pelo MARI-USP à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

estrada de ferro Noroeste do Brasil. Como disse Dr. Maurício Pedro Terena aos participantes do curso "...vocês estão reconstruindo, resgatando aquilo que vocês perderam...". E ainda acrescentou: "Quando aprendemos algo, muda a maneira de pensar, a maneira de agir, a maneira de *ser...*". O aprendizado, tal como pensado no curso, portanto, baseou-se, primeiro, no contato dos participantes com documentos históricos produzidos a respeito das *berras* e do povo Kaingang por pessoas não-índias que viveram *na* época da conquista do território kaingang para a expansão das plantações de café. O aprendizado realizou-se, porém, por meio da discussão e da avaliação crítica daqueles documentos pelos professores e pesquisadores índios, a partir da memória dos mais velhos e de seus próprios conhecimentos e pensamento sobre a história indígena da região.

Aqueles textos e gravuras produzidos por não-índios em épocas passadas foram utilizados com os objetivos de recuperar alguns conhecimentos sobre os Kaingang que não estavam acessíveis e, ao mesmo tempo, estimular a lembrança daqueles que estão somente adormecidos *na* memória dos mais velhos. Ao longo do *curso*, *por* meio de leituras de documentos e textos, dramatizações, observação de desenhos, elaboração de questões, *críticas* às informações fornecidas pelos materiais analisados pelos professores-pesquisadores, foi sendo construído o material que aqui se apresenta.

A maior parte dos textos que compõem este livro reproduz as atividades propostas no curso *As Escolas Kaingang, Terena e Krenak: contribuições para um recomeço*, (financiado pelo MEC em 1999) e traz as contribuições dos professores índios participantes; trechos de obras históricas trabalhadas no curso foram também aqui inseridos como os de Horta Barboza e Edmund Krug, além de mapas de Hermann von Ihering e Morais Filho. Eles são uma amostra do material histórico existente sobre os Kaingang paulistas e que poderá ser consultado e trabalhado pelos moradores de Icatu e Vanuíre em oportunidades futuras⁴.

Uma versão preliminar do projeto deste livro circulou pelas aldeias. Lida, discutida e criticada pela população de Icatu e Vanuíre, foi, então, modificada para que as contribuições e os acréscimos sugeridos fossem incorporados. Assim, foi possível complementar aquela versão inicial e modificar alguns dados⁵. Essa leitura preliminar, feita com grande entusiasmo, levou os professores e pesquisadores índios a acreditar na possibilidade de publicação dos textos que haviam elaborado durante o curso. Tal perspectiva estimulou-os a lembrarem também de histórias antigas das duas outras etnias hoje habitantes *na* região: os Terena, que a partir de 1930-1950 passaram a viver em Icatu, e os Krenak, que entre 1940 e 1960 incorporaram-se à população em Vanuíre. Tais contribuições enriqueceram e diversificaram ainda mais os textos inicialmente produzidos.

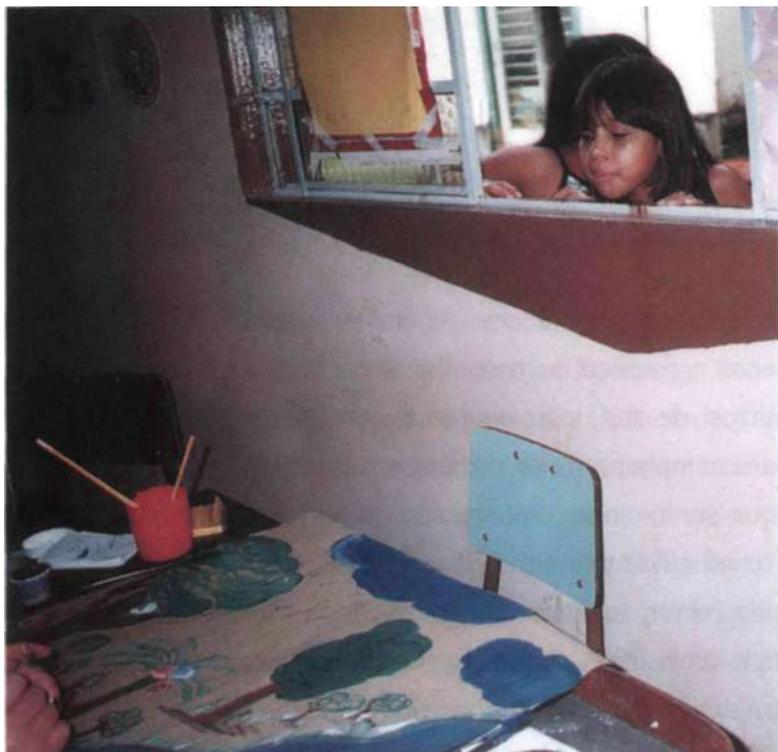
4 No final desta publicação, como contribuição à pesquisa da história kaingang, segue o levantamento bibliográfico, em ordem cronológica realizado em 1998 com o auxílio da FAPESP.

5 Neste trabalho a tantas mãos, contamos também com a colaboração de *Marta Maria* Lopes, professora da Funai, orientadora dos pesquisadores índios do Icatu e compiladora dos depoimentos dos professores-pesquisadores índios, autores desta publicação, após a leitura da versão preliminar. Contamos também com a participação de *Maria Rita G. Carrijo*, professora da rede estadual de educação, e de *Robson Felipe Viegas da Silva*, historiador.

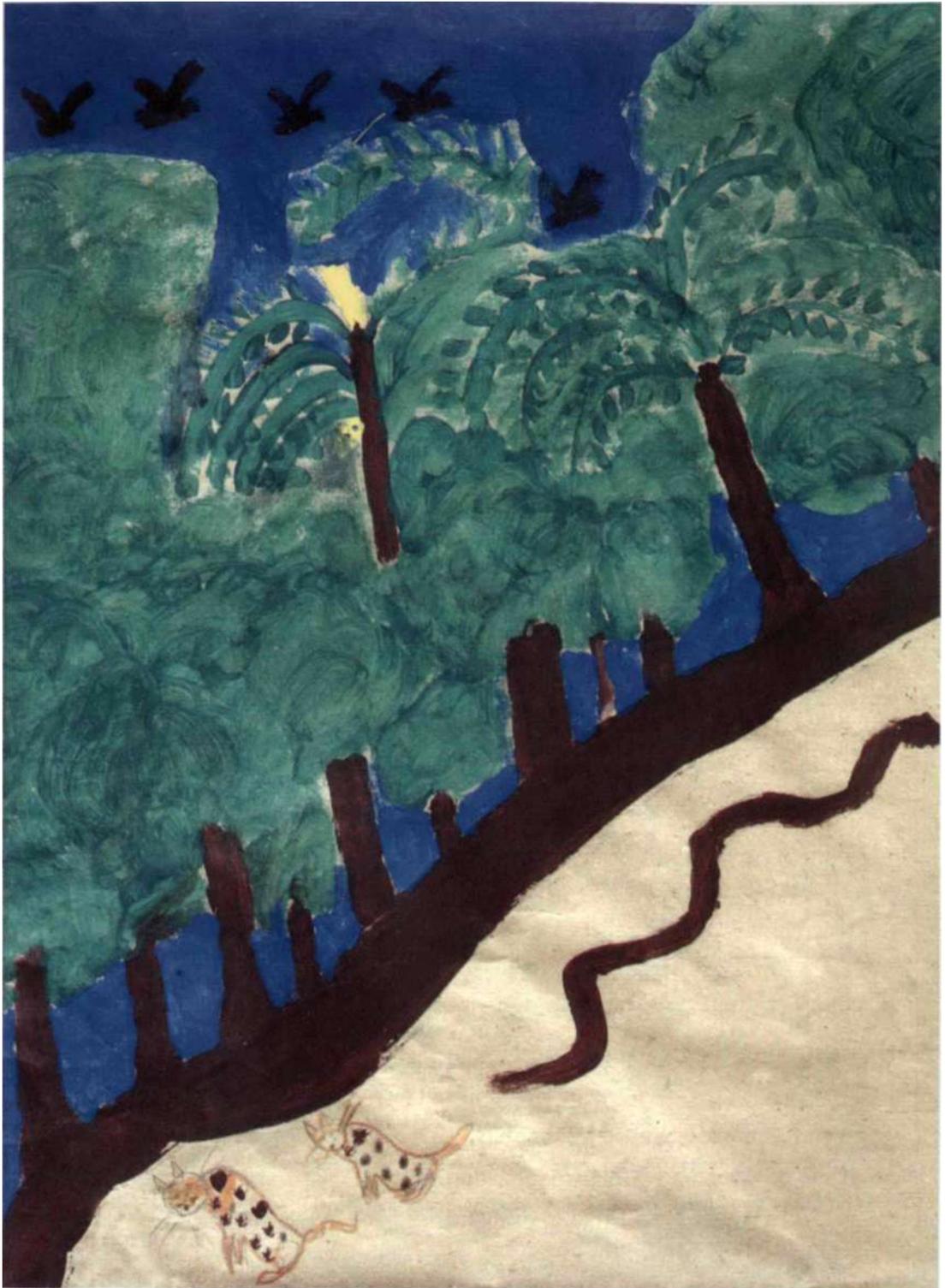
Por isto tudo, este não é um livro terminado. Mesmo a versão atual é apenas o começo do trabalho. Depois de circular, de ser lido por muitos, de ser, mais uma vez, corrigido, emendado, remendado e complementado, teremos a possibilidade de possuir uma obra que será, ainda, uma versão da história Kaingang de São Paulo. Muito há ainda por ser feito, pois muitos assuntos e aspectos não foram tocados ou lembrados. Entre o muito a fazer, está o trabalho a ser realizado pelos Terena e os Krenak de Icatu e Vanuíre sobre sua história na região.

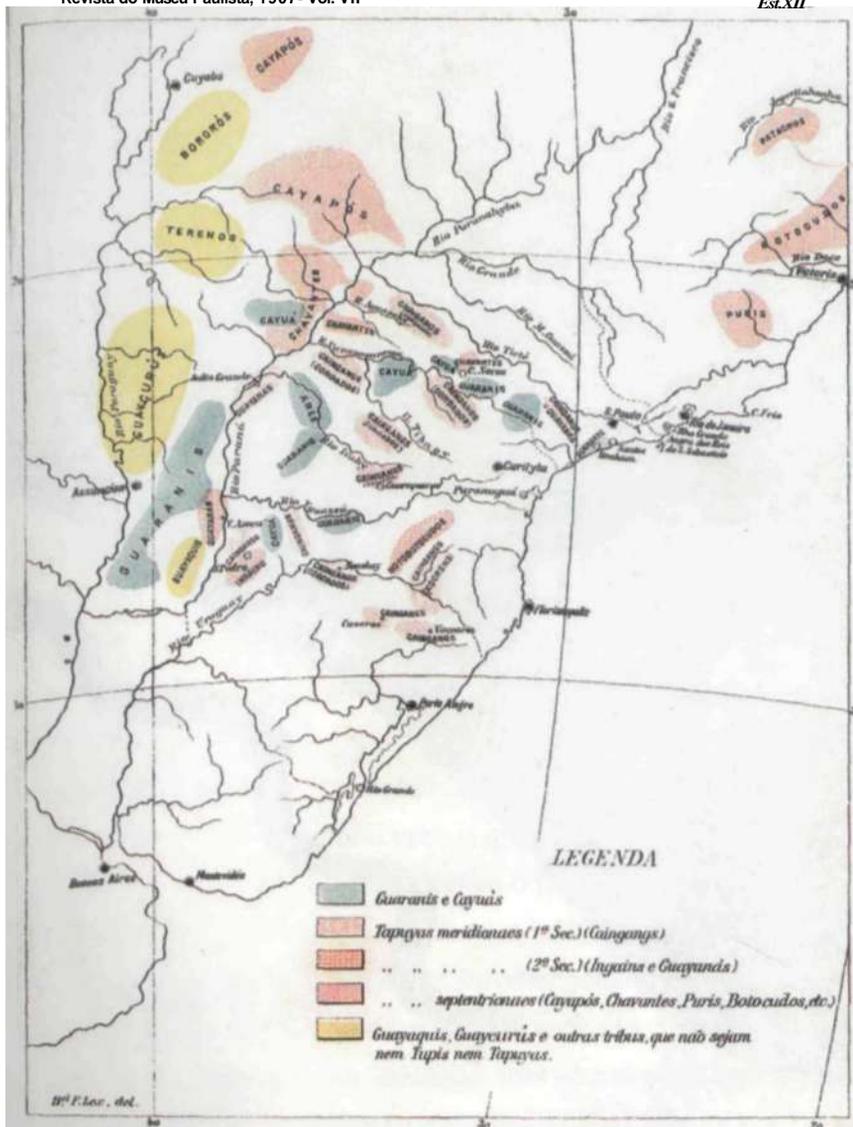
Esta publicação pretende ser material didático para os alunos índios do ensino fundamental (1^a a 4^a séries) que estudam nas escolas das aldeias. Desativadas durante anos, estas escolas foram reabertas em 1999, e os primeiros professores índios foram contratados no final do primeiro semestre de 2000. A divulgação da visão e dos conhecimentos indígenas sobre a história do oeste paulista e sobre si mesmos pretende também *alcançar* as escolas urbanas dos municípios vizinhos de Arco-íris (PIN Índia Vanuíre) e de Braúna (PIN Icatu), onde são realizados estudos dos alunos índios da 5^a série em diante.

Este livro divide-se em quatro partes: a PARTE I reproduz % atividades realizadas pelos professores índios durante seu curso de formação, com textos e ilustrações que produziram sobre diversos aspectos da vida kaingang, antes do avanço dos conquistadores sobre seu território; na PARTE II os textos e as



imagens enfocam alguns assuntos ligados à história do contato entre os Kaingang e os não-índios; a PARTE III contém sugestões de atividades didáticas a ser realizadas em sala de aula, propostas pelos professores e pesquisadores índios participantes do curso e que serão, certamente, de interesse para os que empregarem o presente volume como material didático junto a seus alunos; a PARTE IV traz a relação de fontes históricas que contêm informações sobre os Kaingang, suas terras e a construção da estrada de ferro. Sua inclusão aqui tem o objetivo de divulgar tais obras para tornar *acessíveis* aos moradores do Icatu e do Vanuíre materiais e informações que lhes dizem respeito diretamente e que têm o direito de conhecer.





Mapa da actual distribuição dos indios no Brazil meridional

6 Atividade proposta aos alunos do curso de formação de professores indígenas realizado no Icatu em dezembro de 1999. Textos e imagens produzidas durante o desenrolar desta atividade são apresentados em seguida.

7 Moraes Filho, J. & "Pioneiros da Noroeste". Revista do Arquivo Municipal, ano XVIII, vol. CXXXVI-II, 1951. São Paulo. p.36.

8 Andrade, Edgard Lage Sertões da Noroeste. São Paulo: Ed. Do Autor, 1945. p.15.



"(...) As terras ali eram feracíssimas. Joaquim dos Santos, morador de um sítio localizado nas proximidades das terras kaingang, dizia: "Quanto à cobertura não é possível haver melhor. Dos altos avistam-se centenares de alqueires de terra, em que o mato que se vê é jangada brava e pau d'alho, destacando-se, neste mar de jangada, as perobas com suas copas verde-escuro. Avista-se pelo caminho muito cedro. Por baixo do mato tem muito cambará-de-meia-légua, jaborandi, ortigão, etc. E extraordinária a produção destas terras em cereais... Não sei se poderá existir melhores [terras] que estas. Talvez sejam apenas de matos mais altos. Este vale do Rio Feio e do Aguapeí parece-me a reserva da agricultura do Estado de São Paulo. E, é todo ele desconhecido e habitado pelos índios coroados e botocudos, que são ferozes. ..."

AS RIQUEZAS DE NOSSAS TERRAS⁹

PROFA. LIDIANE DAMASCENO DE OLIVEIRA NAIM

PESQ. MAURÍCIO PEDRO CAMPOS KELÓ

Antes de iniciarem a estrada, o governo do Estado de São Paulo instruiu uma exploração das *berras* indígenas Kaingang que, diziam eles, não eram habitadas por pessoa nenhuma. O governo dizia que as terras eram desabitadas.

Antes de tudo *acabar*, antes destes ferroviários invadirem nossas *berras*, elas eram de uma beleza... uma terra pura, virgem e que escondia seus segredos, seus mistérios, que fascinavam aqueles que as viam... as árvores de copas grandes e escuras, pareciam uma onda do mar...montanhas cobertas de árvores, tudo *era verde*, tudo *era mata*, tudo *era vida*.

Rios, riachos de pureza grandiosa...matas, animais silvestres de grandeza extraordinária, os índios faziam suas *caçadas*, neste local, e costumavam fazer ranchos junto das árvores, alguns de folhas de palmeiras e outros com galhos e *casas de pau*...

Nestas terras habitavam variedades de animais mamíferos, *aves*... grande variedade de cobras, lagartos e abelhas silvestres.

Nas matas habitavam macacos de espécies variadas, onças, veados, antas, *capivaras*, catetos, ariranhas, etc.

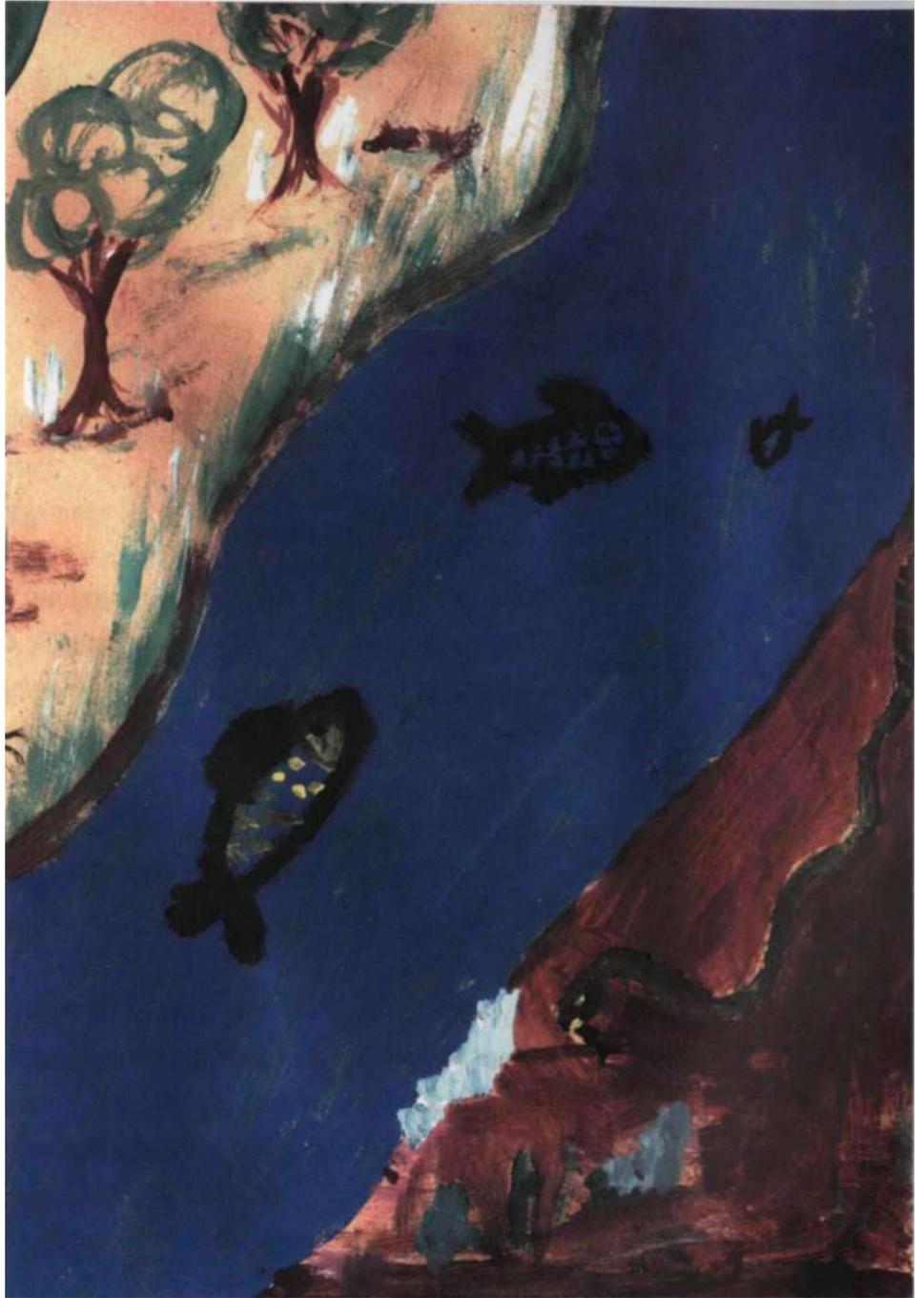
9 Texto inspirado no Relatório da Comissão Geographica e Geológica. Exploração do Rio do Peixe. 2^a edição. São Paulo, 1913. p.71.

Nas copas das árvores podia se ver grande número de aves: papagaios, araras vermelhas, amarelas e azuis, periquitos, maritacas, tucanos, pica-paus e outras variedades de pombas, inhambus, macucos, urus, jacus, jacutingas, mutuns, jaós, beija-flores, curiangos, urutáguas, arapongas, sabiás, patos brancos, o biguá e o tapicuru, garças, pardas brancas e jaburus.

Variedades de peixes nadavam e outros répteis viviam pelos rios e florestas, como os dourados, cagados grandes, jacarés, piabas, pacus, piranhas, curimbatás, sucuris, lambaris, etc.

Cândido Mariano Elias, Terena, morador em Icatu, lembra que a natureza era, de verdade, respeitada pelos índios. Os Terena, por exemplo, não tocavam nas árvores de cedro porque elas eram usadas somente para fazer urnas para enterrar os mortos. Outra árvore que não era mexida era o castelo porque, com o tempo, ela ia ficando ocada, e então servia para fazer bumbos que eles usavam nas suas danças e rituais.

Suas terras, nossas terras, nossas muitas terras... hoje tudo acabou. A maior parte de nossas riquezas se foi por causa de um sentimento chamado ambição. Este foi um dos grandes destruidores de nossas riquezas, que hoje será difícil recuperar do modo como foram antes.





Maurício Pedro Campos Keló, Kaingang, relata:

"Eu já fui perguntar para minha mãe, D. Catarina Pedro e ela contou que aqui tinha muita onça. Não podia sair sozinho do Icatu, não! Era perigoso. As histórias que minha mãe conta - ela viveu bem depois da chegada dos trilhos do trem - quer dizer que, por um bom tempo, talvez 10 ou 20 anos, conseguimos resistir às destruições do homem branco, mas foi impossível depois desse tempo".

Hoje temos de viver como brancos, pensar como o branco. Tudo nosso agora é do branco, pois ele destruiu tudo o que era nosso, mas não pensamos em vingança, pois não somos só nós que dependemos da mata. Eles também dependem. Hoje eles dizem: "Preserve a natureza". Depois de destruída, que natureza preservar? Que mata preservar? O certo seria dizer: pense no que vai fazer, para não sofrer amanhã!



Mas nós sobrevivemos como grupo, como comunidade e continuamos lutando pela preservação de nossas tradições, língua e costumes.

Você quer ver como nós temos muito de nosso passado?

Vá à sua casa e pergunte aos seus avós e outros parentes sobre como eles viviam e o que até hoje seus pais fazem do jeito como se fazia antigamente.

Dr. Maurício Pedro, advogado Terena do Mato Grosso, Aldeia de Cachoeirinha, morou na RI de Icatu (1950-1955) e perguntou para os professores-autores deste livro:

"Vocês sabem subir na árvore? Não?"

E aí contou uma história:

"Pentim era bem velhinha, passou ali pelo Rio Feio e apareceu um vulto. Ela pensou: Isto é onça! E subiu lá no alto. Velhinha.

Hoje não se sabe mais como sobe na árvore.

Ela imediatamente pegava o cipó, amarrava, colocava no pé, subia rápido.

A arte da própria vivência"

ALIMENTAÇÃO KAINGANG

PESQ. ADEMIR GOMES CONECHU

PROF. MÁRCIO PEDRO

Antigamente os Kaingang, quando caçavam, costumavam ir em grupos e quando se matava muita *caça*, ela *era* dividida para toda a comunidade.

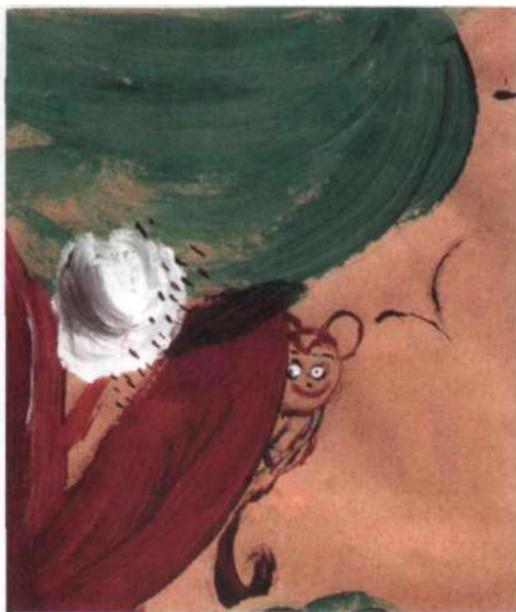
Quando descobriam um bando de *macacos* faziam, por baixo das árvores em que eles se achavam, uma algazarra infernal.

Os macacos ficavam estatelados e era então que os homens desferiam suas flechas.

Depois de algum tempo os sobreviventes do bando procuravam fugir, mas enquanto iam pulando de ramo em ramo, por baixo, os índios os acompanhavam em gritaria. O bando pára de novo, como que preso pela fascinação daquela atordoação, e os atiradores de flechas recomeçavam a matança sossegadamente.

A carne mais apreciada pelos Kaingang é o koioro, carne de anta que eles apanhavam em laços fortíssimos feitos de cipó imbé, ou senão matando a flechadas, indo para isso surpreendê-las de dia em seus retiros, guiados pelos rastros que seguiam com incrível facilidade.

Já os catetos e os javalis eram cercados; depois, apertados no

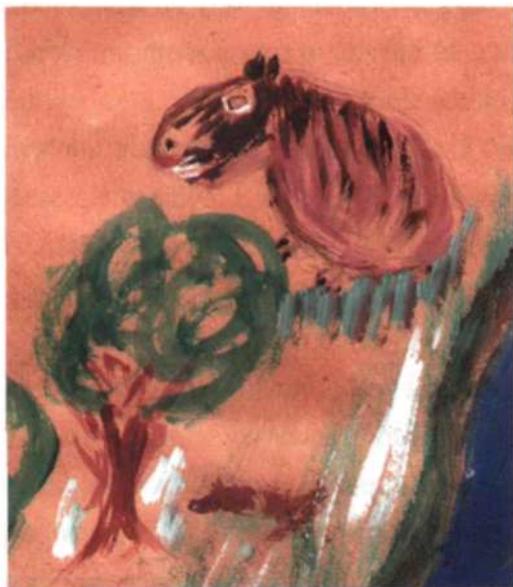


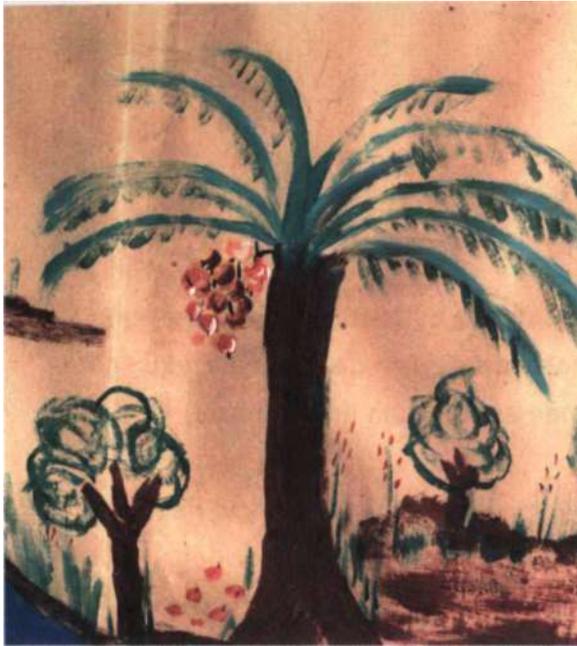
cerco, sofriam as investidas dos homens que matavam os animais a bordunadas, não deixando escapar um único animal.

Ao ler o texto acima, **Márcio Pedro** se lembrou de relatar que:

"meu tio, Alcides, de apelido Ti' ira, Terena, da aldeia de Cacheirinha, quando ia no mato fazia armadilha de cipó para pegar os catetos. Ele fazia um laço que era pendurado nos galhos das árvores, no lugar onde via os rastros dos catetos. Então, colocava lá milho e mandioca, e os catetos sentiam o cheiro e vinham atrás da comida. Na hora em que eles passavam, meu tio puxava o cipó e os laçava".

"Tinha também um outro jeito de pegar catetos", acrescenta. "Eles andam no mato em bando de vinte a trinta catetos. Então meu tio fazia uma lança de aroeira, porque não quebrava não. Ela tinha uns 2 metros de comprimento e duas pontas. Aí ele amarrava um cipó na lança e quando os catetos vinham, jogava e acertava no bicho, mas deixava ele correr um pouco e depois puxava o cipó. Então o bicho estava capturado".



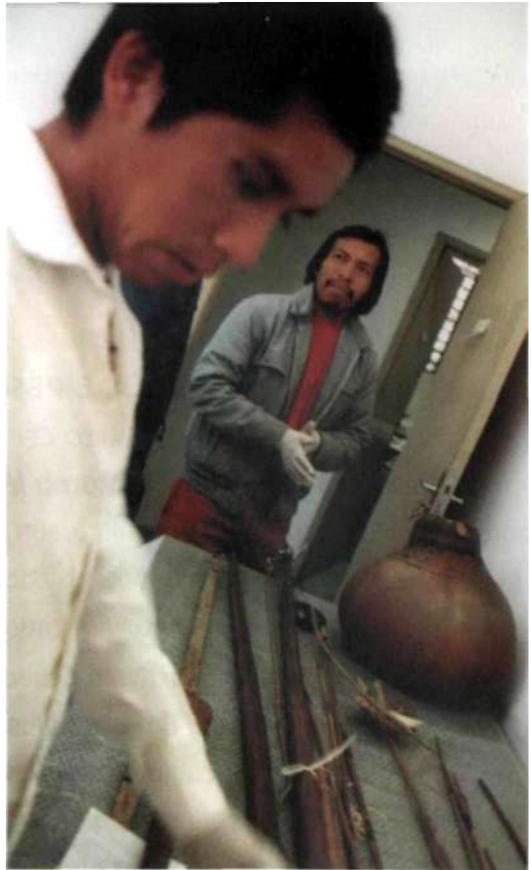


Era costume dos Kaingang fazer das caveiras dos animais uma espécie de rosário, ligando umas às outras, e assim, com um cipó, penduravam em árvores ou em cima de suas casas.

Já os pássaros eram pegos a flechadas, com flechas de quatro pontas, ou virote.

Além disso, usavam alçá-las com o auxílio de uma corda feita de cipó, presa na ponta de uma longa vara.

O manejo desse laço exige muita prática, movimento e muita paciência do caçador, trepado numa árvore quando se trata de pegar periquitos ou maritacas, ou no chão, quando se trata de pombas, inhambus, etc. Mas, sempre escondido por uma tapada de folhas de coqueiro, tinha de passar a laçada pela cabeça do pássaro e depois, erguendo a vara, segurá-lo pelo pescoço.



Tudo isso se passava de um modo que seria mais justo dizer que os Kaingang assim "pescavam" os pássaros.

Com o passar do tempo, os índios começaram a usar armas de fogo. Canuto Conechu contava que o pai dele o levava para a mata para aprender a caçar antas. Chegando lá, ensinava como piava. Era assim: pegava uma purunga furada rla ponta, segurava no seu pescoço e piava. Eles ficavam quietinhos e ouviam a anta responder, e então localizavam o animal. iam até o lugar onde ela piava e, se a viam, atiravam.

Morta e limpa a anta, *cavavam* um buraco de mais ou menos um metro de f undura, colocavam areia e *acalcavam* bem acalcado Embrulhavam a *carne* em folha de bananeira e punham naquele local já preparado. Cobriam com terra, colocavam lenha e pau podre dentro do buraco e punham fogo. Esperavam até que ela estivesse bem cozida e então estava pronta para comer.

ALIMENTAÇÃO: CAÇA E PESCA

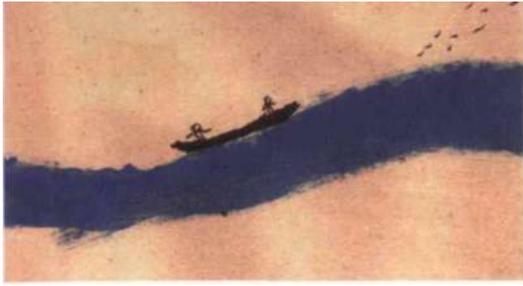
PESQ. MÁRIO CECÍLIO DAMASCENO TEPÓ.

PESQ. CÂNDIDO MARIANO ELIAS HIPOLIOÓ.

Os índios Kaingang adoravam pescar. A vida deles nas florestas era muito boa. Em seus rios e lagoas eles pescavam os peixes pacu, dourado, curimbatá, piaba e muitos outros, esgotando as lagoas formadas pelas enchentes. Depois que as lagoas secavam nas florestas, eles pegavam os peixes com as suas flechas certeiras.

"Outra coisa que resistiu foi o modo de pescar dos Kaingang, conta Maurício Pedro Campos Keló, Kaingang. E sabido por todos os mais velhos que, certa vez os Terena convidaram o cacique Orlando Iaiati, Kaingang, para ir pescar. Quando chegou a hora de sair, todos estavam com vara de bambu, menos o Orlando que carregava uma enxada. Os Terena, espantados, perguntaram para que a enxada: onde estava a vara?"

Aí Orlando respondeu: 'Nós não pescamos com vara. Nós, com a enxada, cavamos a terra do fundo do riacho até formar uma barreira para os peixes não passarem e os pegamos com a mão ou peneira'. Os Terena acharam muito engraçado e resolveram experimentar junto com Orlando, que havia aprendido com seus pais".



Os Kaingang não viviam só de caça e pesca. Encontravam frutas de várias qualidades que as matas *oferecem*, como pitanga, goiaba, palmito, marmelo, coco de coqueiro; tiravam também raiz de Caratinga, frutos do jatobá, jenipapo e outros. Todos na aldeia comiam os diferentes tipos de frutas.

As mulheres ajudavam os homens *nas* coletas de frutas. Eram elas que recolhiam as frutas e as carregavam nas costas, os cestos feitos de cipó imbé, que apoiavam *na* testa.

Nas proximidades das aldeias, eram abertas roças de milho, mandioca e outros alimentos. Ao esgotar a terra, as famílias se mudavam para outra região.

D. Catarina, Kaingang de 74 anos e moradora do PI de Icatu, contou para o pesquisador Maurício, que *lhe* perguntara sobre como antigamente eram tratados os pequenos quando ficavam doentes, o seguinte:

- "Naquele tempo eles não ficavam doentes, porque não comiam arroz, feijão. Comiam *iamim*, peixe, tatu, assa e guarda. Não comiam arroz e feijão, não. Eles falam que arroz e feijão dá doença, porque têm óleo e todas essas coisas misturadas. Carne de gado eles não comiam, não. Se dava para eles, eles falavam 'não, não presta. Dá doença. Lá era só colônia de sapé; aqui também era colônia de sapé, as casas todas de sapé'".





Cândido Mariano Elias conta que os Terena pescavam de várias maneiras. Uma delas era a pesca com cesta.

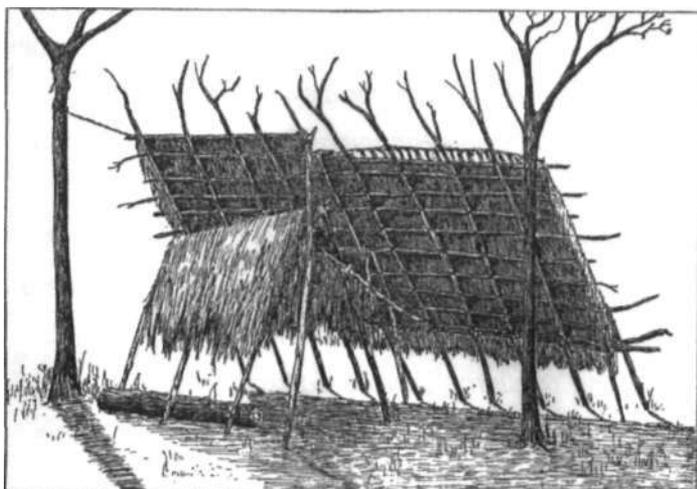
A cesta era feita com as tiras de tabioca amarradas nas pontas. Um grupo de índios ia para o rio, alguns ficavam numa parte do rio fazendo algazarra para que os peixes descessem e a água ficasse embarreada. Um outro grupo esperava mais abaixo do rio com as cestas, que iam colocando na água, e enfiavam a mão para tirá-los de dentro. Outro jeito de pescar era com folhas de bacuri, um tipo de coqueiro. Um grupo de índios ficava rio acima com folhas desse coqueiro enfiadas na água até o fundo e iam descendo o rio empurrando os peixes, enquanto outro grupo, com as mesmas folhas de coqueiro ficava rio abaixo esperando. Quando estavam perto os dois grupos, iam tirando os peixes daquele cercado. As mulheres e as crianças também participavam. As mulheres ficavam na beirada do rio acendendo o fogo enquanto os homens iam jogando os peixes na barranca do rio. As crianças pegavam os peixes e levavam para suas mães, que os cozinhavam e davam de comer a todo o grupo.

ALDEIA E PREPARAÇÃO DA COMIDA

PROF. ILSON IAIAL

PROF. EDEVALDO COTUI

Na aldeia, os povos Kaingang tiveram vários tipos de moradia. Suas casas - l'N — eram feitas de sapé e de madeira de peroba porque esta madeira é forte. Ao sair para suas excursões de caça, pesca e coleta, eram construídas casas como a que aparece na gravura abaixo.



As casas ficavam debaixo de duas árvores porque ficava mais fácil de se fazer. Aproveitavam quando encontravam duas árvores juntas e faziam as casas *amarradas* nas duas árvores. Tudo era diferente no momento de morar, porque eles não tinham a sua morada definitiva. Viviam um tempo em um lugar e depois passavam para outro lugar diferente, onde tinha caça e raiz para fazer seus próprios remédios.



Mais tarde, os Kaingang começaram a fazer as casas de outra maneira, de outra forma, e perto uma da outra, em círculo, no meio da mata. A entrada da casa ficava virada para o lugar onde o sol nascia.

Lembra o professor Ison Iaiati que, "quando chegava o inverno, os antigos Kaingang cavavam um buraco quadrado na terra de mais ou menos três metros de profundidade, e seu tamanho era para caber uma família dentro. Colocavam estacas de madeira de comprimento maior que o tamanho do buraco, de mais ou menos um metro. Em cima dessas estacas eles levantavam uma cobertura de sapé. Faziam uma escada para subir e uma porta bem pequena. Acendiam uma fogueira no centro do buraco, porque a terra esquenta com o fogo. Depois de bem quente a terra, o fogo era apagado, a família se acomodava naquele lugar, e eles não passavam frio durante a noite. Isso era feito porque a casa feita inteira de sapé deixava o vento entrar através das folhas e, mesmo com uma fogueira dentro da casa, eles não conseguiam se aquecer no inverno".

Yas 10 anak
Cesar
Pedro



PREPARAÇÃO DOS ALIMENTOS

PROF. ILSON /A/I/ATI

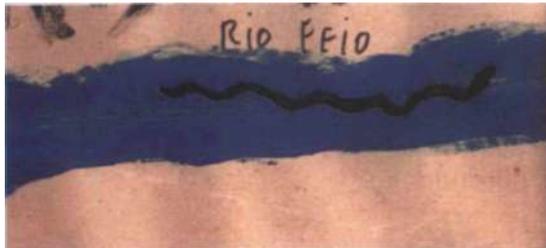
PROF. EDEVALDO COTUI

Os Kaingang faziam comida de um jeito diferente de outros povos. Quando o índio matava uma capivara, por exemplo, tinha ajuda de sua esposa para destripar o bicho.

Eles abriam um buraco quadrado de um metro e meio; feito o buraco, acendiam o fogo com lenha e pau podre. Quando ficava com brasa, colocavam a capivara limpa, dentro do buraco, pois a temperatura estava bem quente e, então, cobriam com folhas de bananeira e ramos, para não sujar com a terra que cobria tudo, por cima da carne. Depois de um ou dois dias inteiros, a capivara estava pronta, ou assada para comer e se saborear com o iamim feito com milho preto, preparado pela esposa e sua família.

D. Catarina, *moradora do Icatu, lembra como se assava o iamim.*

"Quando eu era pequena, meu pai e nós fomos pescar no Rio Feio. E era uma festa. Fazia aquele iamim e comia com peixe. O bolo fazia assim: soca no pilão, molha com água, põe na panela dois dias [para fermentar] - kajãg". Depois, "pegava folha do



mato, então punha em cima e dobrava, punha cinza em cima, mas não pega cinza, está dobrado na folha de mato".

Mário Cecílio Damasceno Tepó lembra que "os Krenak não matavam capivara. Um parente, uma vez, viu que uma índia Krenak virou capivara, e desse dia em diante abaixaram as flechas para as capivaras, nunca mais mataram".

*Além da caça, antigamente os Kaingang também faziam o beiju de mandioca, como conta **Ilson Iaiatí**, professor e um dos autores deste livro. "Primeiro ralavam, depois espremiam no pano e sobrava uma massa que punham para secar. O líquido que saía da massa também ia para o sol secar. No dia seguinte, o líquido tinha secado e ficava só o polvilho no fundo. Então misturavam o polvilho e a mandioca ralada. Espalhavam a massa no fundo da panela sob o fogo. Ia formando umas bolas até que elas cozinhavam. Então tiravam as bolas da panela e achatava com as mãos, ficando com a forma arredondada. Eles comiam com peixe, carne de caça ou mesmo de manhã ao se levantarem.*

CONFRONTO ANTIGO¹⁰

PROF. ILSON IA/ATL

PROF. EDEVALDO COTUI

Antigamente os Kaingang tinham dois grupos, em duas aldeias diferentes e próximas - Camem e Canherucrem.

Eles tinham o costume de levar as notícias de uma aldeia para a outra, o que acabava criando o que o branco chama de intriga.

Dentro da aldeia Kenkra tinha uma linda índia - MSgri - que ali morava.

O índio Penvi que morava na aldeia Kenkra, namorava Mângri, de sua aldeia.

Outro índio chamado Dobrui, que vinha da aldeia Inhangrehó gostava dela também.

Os amigos de Penvi e os amigos de Dobrui começaram a fazer comentários sobre o interesse dos dois índios pela índia. Diziam que o seu rival, Dobrui, não era bom para se *casar* com a jovem, pois ele não *caçada*, não trabalhava, só ficava dormindo.

O índio Penvi descobriu que Dobrui gostava de sua namorada, e começaram a desafiar um ao outro.

Certo dia, o cacique de cada uma das duas aldeias subiu no tronco de uma árvore. Um deles disse assim: "Meus parentes: nós

¹⁰ Texto inspirado em Piza, Marcelo. *Notas sobre os Caingang*. 1938.



vamos dar apoio para o Penvi que mora na nossa aldeia Kenkra, porque ele está preparado para sustentar uma família".

E o outro cacique da outra aldeia, também subiu no mesmo tronco e falou a mesma coisa sobre Dobrui.

Os dois caciques entraram num acordo: quem vencer a luta fica com a linda índia. Escolheram um lugar para esta luta.

No início vieram os dois índios que gostavam da mesma moça, começou o empurra-empurra e as ofensas, até que a luta esquentou com ká (borduna).

O índio Penvi deu uma bordunada na cabeça do seu rival, Dobrui, que teve um corte profundo, entre 10 e 12 centímetros no couro cabeludo, o que não era de espantar. Caiu e, portanto, perdeu a luta, e a linda índia veio correndo para apartar. O vencedor Penvi se casou com a índia.

O CASAMENTO KAINGANG¹¹

PROF. MÁRCIO PEDRO

PESQ. /ADEMIR GOMES CONECHU

Antigamente os Kaingang tinham uma norma ou lei muito difícil sobre o casamento.

Os Kaingang tinham dois grupos que se chamavam Camem e Canherucrem.

D. Catarina se lembra que tem um grupo que se pinta de branco que ela chama de Kailuru. *"Outras pessoas não se pintam de branco, não. Outro grupo é dos Votôru, que é aquela abelha brava".*

Maurício Pesquisador, e um dos autores deste livro, diz que seu pai ensinou que tem quatro grupos de índios Kaingang: Votôru, Kailuru, Kailu e Inhangripi.

D. Catarina diz que *"como ela era Kailu, pintava de preto". Disse também que, "sem ser primo, não podia se casar". E poderia casar com Votôru, Inhangripi ou Kailuru.*

Os Camem não podiam casar com os mesmos Camem, e os Canherucrem também não podiam casar com os próprios Canherucrem porque são considerados parentes.

Indivíduos de um certo sub grupo Camem só podiam se casar com os de tais subgrupos Canherucrem.

Os Kaingang consideravam errado o casamento entre cainquês, isto é, pais e filhos, irmãos e irmãs, primos e primas.

" Texto elaborado a partir de Horta Barboza, L .B. *A Pacificação dos Kaingangs Paulistas Hábitos, Costumes e Instituições desses índios.* Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio,1913.,p.26.

¹² Idem, pp. 226- 28.



A PREPARAÇÃO DA JOVEM¹²

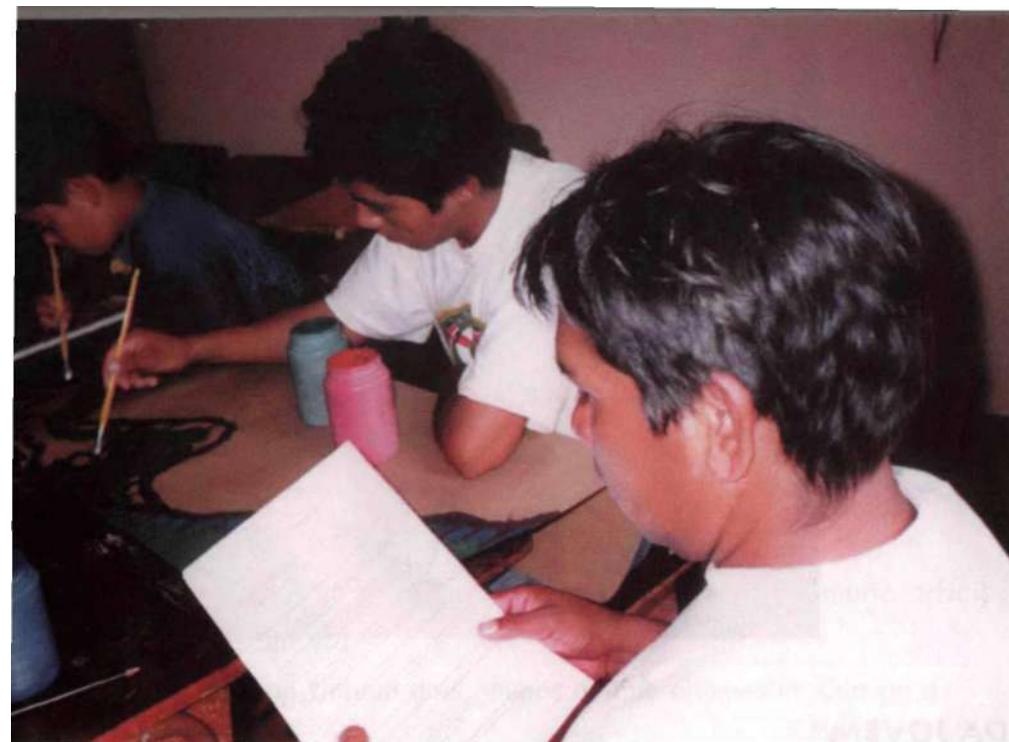
PROFA. LIDIANE DAMASCENO DE OLIVEIRA NAIM

PESQ. MAURÍCIO PEDRO CAMPOS KELÓ

Quando uma índia Kaingang atingia uma idade, mais ou menos 12 ou 13 anos, ela devia ficar aos cuidados de seu cainqué. Ele não poderia se *casar* enquanto a índia não fosse entregue ao seu marido.

Depois de *casada*, a índia engravidava. Na hora do parto ela se afastava da aldeia e se escondia Na mata, no meio das folhagens, e dava à luz a seu filhinho ou filhinha. Na hora em que algum homem ou mulher ouvia o choro da criança, ia em direção à ela, suspendia a criança pelo braço e lhe dava o primeiro nome.

Depois dos sete anos, se fosse menino índio, ele era esfregado com uma folhagem de uma árvore no corpo todo, numa



determinada lua e, numa determinada ocasião, derramava água na cabeça da criança, na esperança de lhe dar coragem, vontade, ânimo, enfim, disposição para o trabalho.

No mesmo acontecimento, o menino recebe um sobrenome, pode ganhar vários apelidos que o ligam com os acontecimentos notáveis de sua vida, de suas façanhas. Depois de terminada esta cerimônia, o pai começa a ensinar a como usar as armas, ou seja, o arco e flecha, a borduna e depois ensinava a caça.

Quando o rapaz já se mostrava capaz de sustentar uma esposa, ele poderia se casar: então o cainqué, a conduzia até o leito do seu marido. Não havia uma cerimônia.

Estas índias só poderiam se casar quando atingissem uma idade certa, coisa que acontecia com qualquer mulher de qualquer *raça*.

Como as Kaingangs eram pequenas, muitas índias já casadas aparentavam ter apenas 13 anos, ou até menos do que isso.

AS FAMÍLIAS

PESQ. MÁRIO CECÍLIO DAMASCENO TEPÓ

PESQ. CÂNDIDO MARIANO ELIAS HIPOLIO'Ó

Antigamente os índios Kaingang tinham uma mulher, e o cacique tinha o direito de ter até cinco mulheres. As mulheres andavam junto com seu marido na caça, na pesca e até mesmo na guerra.

Os maridos eram bastante carinhosos com suas mulheres e com os seus filhos. Ensinavam como respeitar os mais velhos, respeitar os pais e a sua cultura. Mães e pais tinham uma paciência muito grande com seus filhos. Os pais não batiam nos filhos e chegavam a padecer por eles.

As mães ornamentavam seu filho ou sua filha enquanto tinha leite. Não tinha tempo determinado para ornamentar.

As mães levavam as crianças para toda parte a que iam, sobre as costas, sustentadas por cinta de *casca* de cipó imbé, que era amassada ou trançada.

Até o filho ou a filha estando *casados* ainda continuava o mesmo respeito e cuidado. As mulheres Kaingang, até hoje, não deixam as *crianças* espalhadas pela aldeia ao entardecer. Contam elas que os espíritos aparecem neste horário para conversar e brincar com as crianças. Acontece que estes espíritos não são amigos e, no dia seguinte, elas acordam doentes, têm pesadelos à noite. Então, elas vão buscá-las onde estão brincando e começam a cantar na língua kaingang a música que é para espantá-los e mandá-los embora .

VISITA DE UM PARENTE"

PESQ. CÂNDIDO MARIANO ELIAS HIPOLIO'Ó

PESQ. MÁRIO CECÍLIO DAMASCENO TEPÓ

Antigamente, quando os índios Kaingang tinham os seus rios, era muito bom, porque eles tiravam os seus alimentos, tomavam água, se banhavam. Eles cuidavam de seus rios e de suas terras.

Eles tinham o costume de visitar outros parentes Kaingang.

Quando chegava um parente *na* aldeia para fazer visita, ele não era recebido com festa, porque não tinha como se entrar em contato para avisar da sua chegada.

Depois de passados dias da chegada dele então a família organizava a festa.

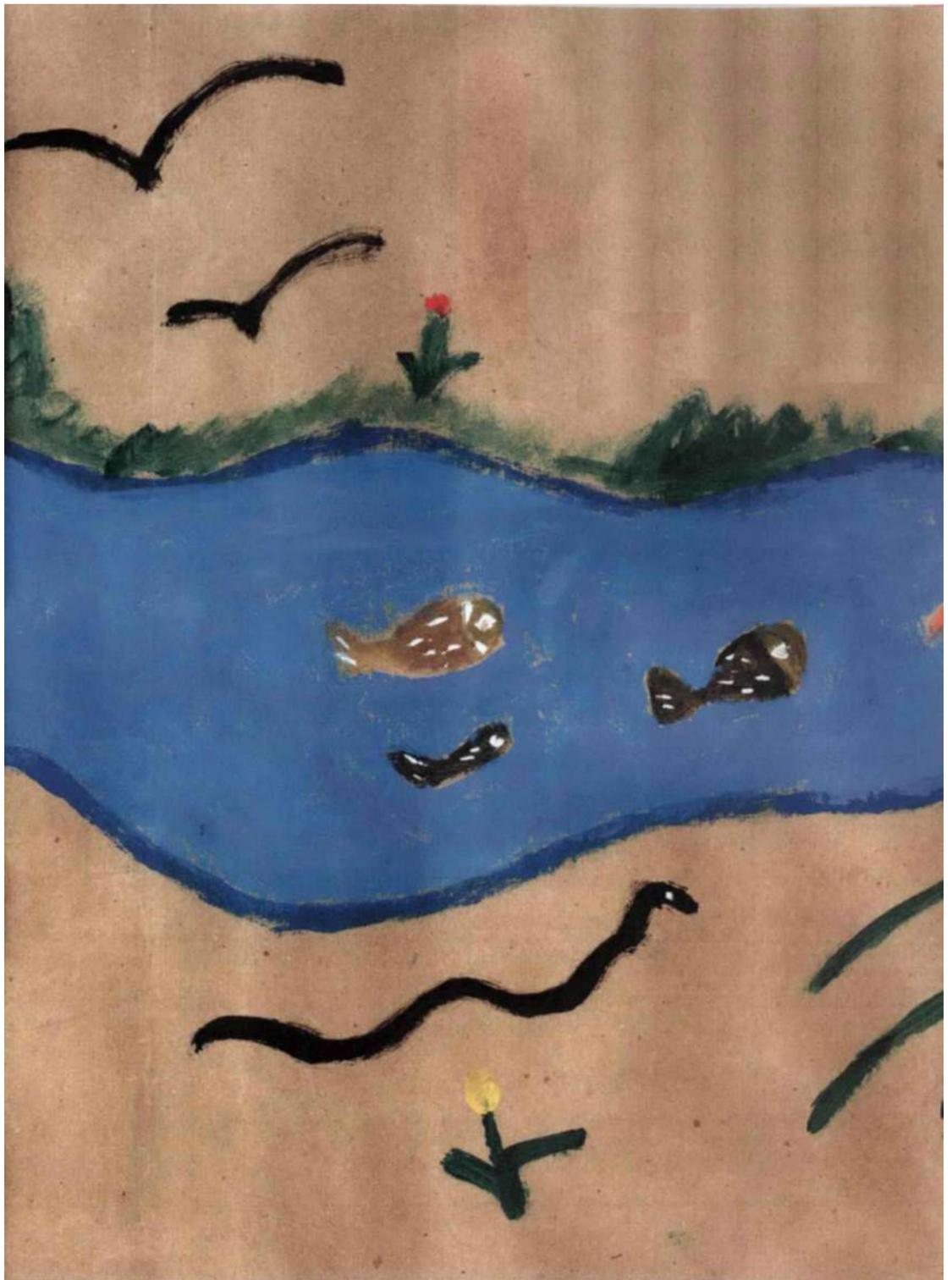
Os Kaingang sempre deixavam o fogo aceso e quando o parente visitante chegava, ele deitava em cima da cinza do fogo (junto ao dono da *casa*) e cobria a cara com o curucuchá, feito de urtiga ou guaraguatá.

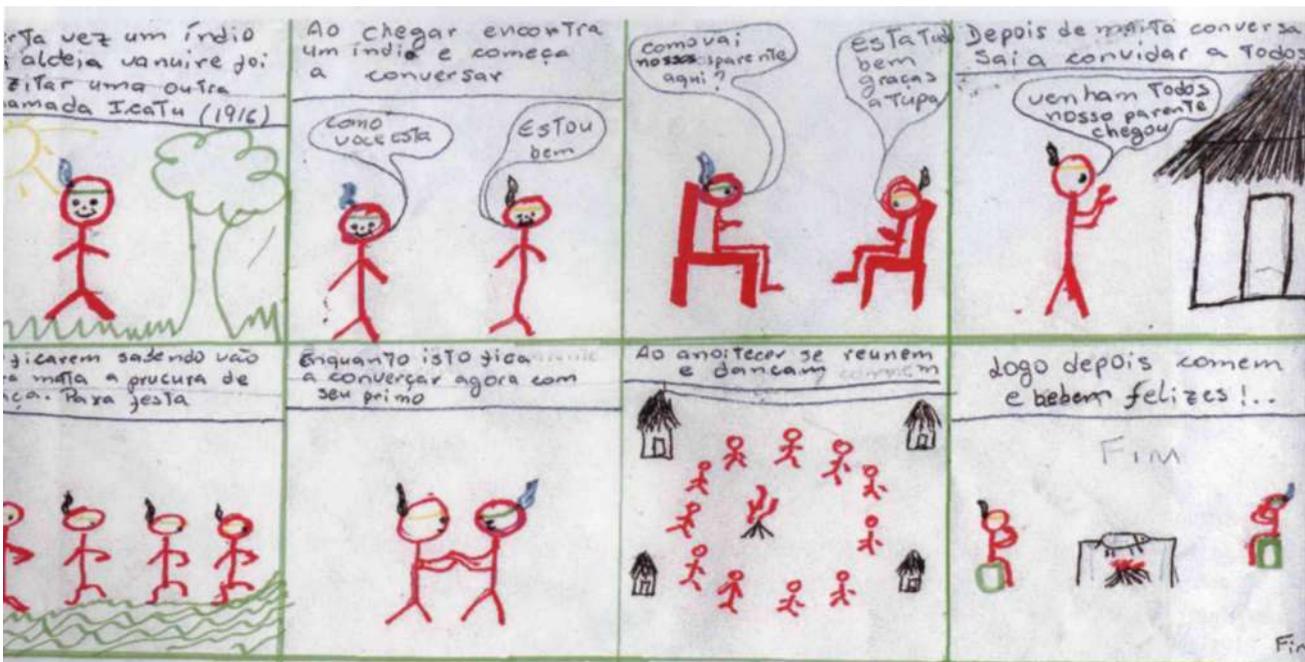
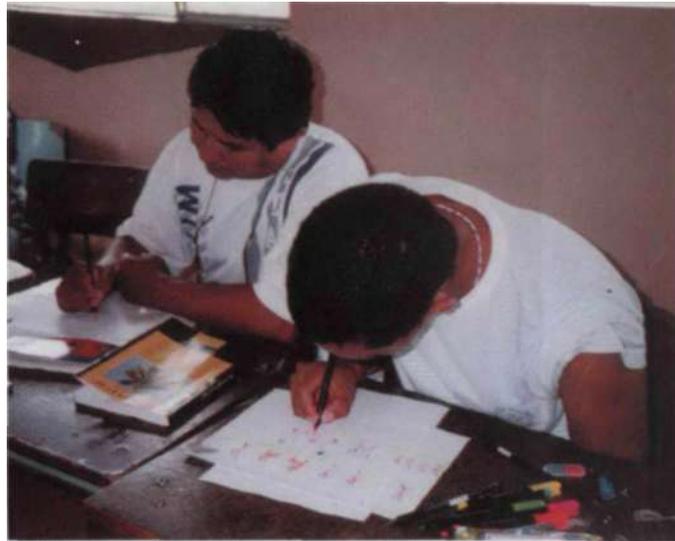
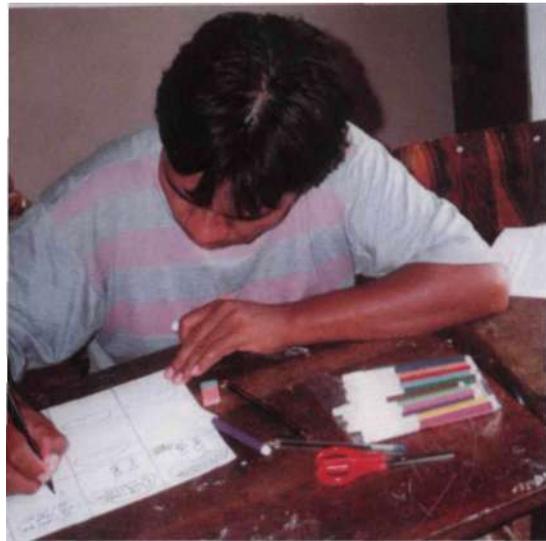
Depois a mulher preparava a comida e dizia ao marido que era tempo de convidar o visitante.

O visitante tirava o curucuchá (curu - roupa; cuchá — frio) da cara e matava a fome.

Depois o dono da casa começava a fazer perguntas sobre o caminho, a mata, a caça, as plantações, e principalmente sobre a produção de milho.

13 Texto inspirado em
Horta Barboza, L. B.
*A pacificação dos
Gaingangues Paulistas.*
Rio de Janeiro, 1913.





O visitante também fazia perguntas a respeito da produção da aldeia que ele estava visitando.

Um contava para o outro sobre a morte de algum parente mais próximo e ficavam tristes e começavam a chorar porque tinham perdido a história de seu antepassado.

Toda a conversa era assistida por todos que moravam na aldeia.

Mais tarde começava a festa. O kiki era servido para todos. O kiki é uma bebida feita de milho e mel, que é depositada dentro de cochos de madeira cheios de água que se punham perto do fogo. O calor do fogo fazia com que fermentasse mais rápido. A festa do kiki *era* muito *sagrada para* os Kaingang. Eles formavam um grande círculo e o pajé ficava no centro do círculo cantando para os antepassados e iam bebendo o kiki. Eles também conversavam com os antepassados durante a dança e o canto. A festa durava até o amanhecer, mas os Kaingang não saíam dali. Acabavam adormecendo em volta da fogueira e do kiki.

Edevaldo Cotui, *Kaingang*, disse que o cedro era muito importante para os Kaingang: quando acontecia a festa do kiki, ele era aberto pelo meio e se fazia um cocho para colocar a bebida.

PARTE II

CHEFIA

SOBRE TEXTOS DE EDMUND KRUGE HORTA BARBOZA

EDMUND KRUG ESCREVEU EM 1916¹⁴

"... Os kaingangues vivem geralmente em imás, aldeamentos de 50 a 100 indivíduos, sob a direção de um capitão, cuja autoridade é pequena ou quase nula; eles são, por conseguinte, muito independentes. Estes capitães, ou melhor, caciques, só podem manter a disciplina por meio de boas palavras, dádivas etc. Logo que não logre estes meios, todo o aldeamento o abandona; mesmo os próprios filhos emigram em procura de melhor capitão, que seja mais bondoso e presenteado!"...

E simplesmente devido a esta circunstância, para poder manter a sua autoridade e para reunir o seu povo em torno de si, que estes caciques possuem pouco, tudo eles dão aos seus inferiores. Negar um pedido não é honesto e chamá-los de pouco liberais, de deicamá, é uma ofensa grave..." .

Horta Barboza escreveu em 1913¹⁵:

"... Nestas expedições [...] foram reconhecidas as situações das aldeias dos outros rakakês, que eram, nesse ano (1910),

¹⁴ Krug, Edmund. "Os índios das Margens do Paranapanema". Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Vol. XXI, p. 322.

*⁵ Horta Barboza, L. B. *A pacificação dos Gaingangues Paulistas*. Rio de Janeiro, 1913.

Congue-Hui, Cangruí, Rugrê e Charin. Ficou-se então sabendo que toda a população de Caingangs paulistas não excede 500 pessoas, acha-se localizada em águas da margem esquerda do Feio e Aguapehy; a mais oriental das aldeias é a de Vauhin colocada aquém do Tibiriça, e a mais ocidental é a de Charin, situada nas cabeceiras do ribeirão Itaúna que deságua no Aguapehy, logo acima do salto Carlos Botelho..."

Os professores Ilson Iaiati e Edevaldo Cotui acrescentaram:

O branco encontrou um cacique exigente e valente que tinha o nome de Koré, que significa Jacu. Quando o cacique da aldeia morria, o filho mais velho ocupava o lugar do pai. Desde criança o filho mais velho do cacique ia sendo preparado para seguir o caminho do pai.

O cacique da aldeia trabalha na caça e na pesca junto com seu povo, para sustentar a família e a sua comunidade.

Os Terena e os Kaingang do Icatu contam muitas histórias sobre o capitão Kenkrá, cacique do Icatu que era chamado de capitão pelo SPI. Ele era muito conhecido por sua firmeza enquanto liderança, mas também porque ganhou uma farda de Horta Barboza com muitas condecorações e nunca mais colocou outra roupa que não fosse a farda. Esse é um dos motivos pelos quais ele é tão lembrado.

GUERRA: AVISOS ANTES DOS CONFRONTOS¹⁶

PROFA. LIDIANE DAMASCENO DE OLIVEIRA NAIM

PESQ. MAURÍCIO PEDRO CAMPOS KELÓ

Os brancos, no começo da construção da estrada ferroviária, não se importavam com a existência dos índios nas terras e começaram a construir a estrada, a desmatar as *áreas* indígenas. Espantavam a *caça* dos índios.

Os Kaingang começaram a enfrentar um grande problema: como fazer parar aqueles homens? Como parar aquela estrada que estava destruindo suas matas e espantando seus animais?

Então, com a intenção de expulsar aqueles homens, começaram a mandar sinais de ataque, deixando-os em árvores ou em pedras. Os brancos viam os sinais, mas nem se importavam. Então os índios ficaram mais bravos ainda, começando a aparecer perto de onde os operários trabalhavam. Não dava para que os brancos pudessem ter uma previsão de como e onde eles iriam *aparecer* novamente.

Os Kaingang armavam armadilhas: colocavam espinhos por onde os brancos passavam, *cavavam* buracos profundos para que eles *caíssem*, derrubavam árvores para que eles não passassem ou se escondiam entre as *árvores* e aprontavam uma emboscada. Com

¹⁶ Inspirado no Relatório da Comissão de Inquérito sobre a situação dos conflitos na Zona da Noroeste e apresentado sob a responsabilidade de Caramuru Paes Leme ao 1º tenente Pedro Ribeiro Dantas, 191



arcos e flechas, no meio da mata, os índios faziam barulhos batendo com seus ká (borduna) nas árvores, assoviavam imitando animais de várias espécies, não deixando, assim, os sertanejos dormirem, pois ficavam preocupados pensando ser milhares de índios, mas *era apenas* um grupo de, mais ou menos, 50 a 100 pessoas.

Os índios não compreendiam por que pegavam o que era deles sem permissão. Se defendiam como podiam, enquanto os brancos não se importavam com o que o índio pensava, invadindo as áreas indígenas.

OS INVASORES

PROF. ILSON IAIATI

PROF. EDEVALDO COTUI

Os brancos diziam que *nas* terras entre os rios Tietê, Paraná e rio do Peixe, e também onde corriam os rios Aguapey e Feio, não havia pessoas morando. Mas ali viviam os Kaingang, donos daquelas terras.

Começaram a entrar e a invadir a terra dos Kaingang.

Derrubaram árvores para colocar a estrada de ferro, fazer cidade, usina etc.

Quando entravam na mata, chegando até certo ponto, os brancos ouviam muitos barulhos de pássaros e se assustavam com eles. E se perguntavam: porque os pássaros estão assustados? Será porque nós estamos entrando nas matas? *Será* que tem algum animal feroz rondando? Será que são índios que estão imitando os cantos dos pássaros para se comunicar?

Os invasores foram até a beira do rio, beber água, e encontraram um povo indígena na margem do rio Feio - os Kaingang. E assim começou a sua destruição.

UM COMENTÁRIO FINAL¹⁷

As histórias que foram aqui reunidas são apenas as primeiras que se publicam. Quantas histórias há ainda por contar! Quantas para relembrar e entregar para a comunidade. Quanto nossos filhos gostariam de saber para poder contar a seus filhos. Este é um trabalho coletivo, a muitas mãos, que aqui se inicia. Contém uma elaboração, um jeito de lembrar, que pode ajudar outros a se lembrarem e acrescentarem, modificarem e complementarem as histórias que contamos.

Neste momento, este é o resultado de nosso trabalho, que está à espera de novas histórias, sugestões, versões, lembranças guardadas.

¹⁷Elaborado por todos os participantes do curso, como conclusão da experiência de produção de textos e imagens e como avaliação do curso. Contém também a idéia de novos projetos para o futuro.

PARTE III

ALGUMAS SUGESTÕES DE ATIVIDADES

A leitura deste livro poderá sugerir aos professores e alunos algumas atividades didáticas, como a dramatização, a história em quadrinhos, o direcionamento do olhar na observação de mapas para maior clareza e reflexão, sugestões de desenhos, entre outras.

Entre os trabalhos realizados por professores-pesquisadores, um deles propunha o exercício de elaborar questões.

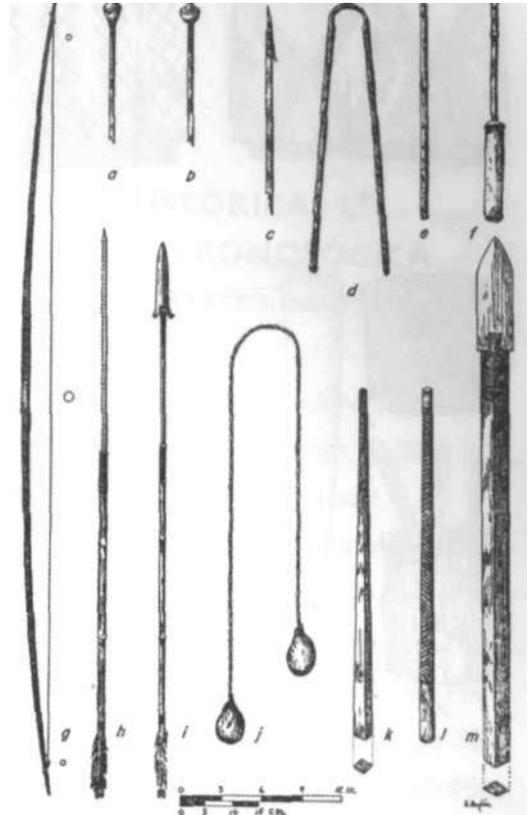
Primeiramente, foram elaboradas questões cujas respostas eram evidentes e não recorriam à capacidade de reflexão, de observação, de crítica, de dedução daqueles que as respondiam.

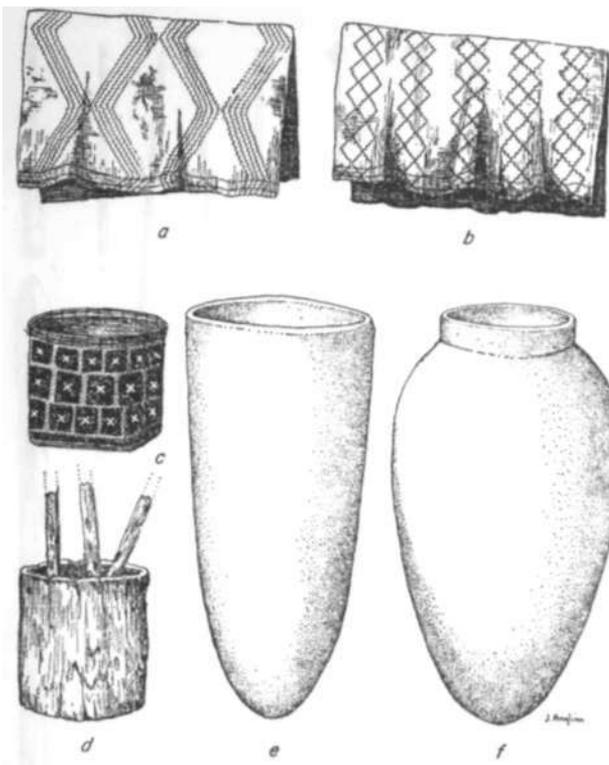
Em seguida, os professores foram instados a elaborar questões que levassem seus alunos ao raciocínio, à exposição de suas próprias idéias e deduções. As atividades que seguem são um exemplo deste trabalho.

A) QUESTÕES SOBRE A GRAVURA - ARMAS

PROFA. LIDIANE DAMASCENO DE OLIVEIRA NAIM
PESQ. MAURÍCIO PEDRO CAMPOS KELÓ

1. De que materiais seriam feitos estes artesanatos?
2. Pense e responda: o que eles usavam para cortar estas madeiras?
3. Como era feito o "arco" e a "flecha" para matar os bichos?
4. Quais as *armas* e instrumentos dos índios que se comparavam com as dos não-índios?
Encontre pelo menos duas.
5. Qual a finalidade de uma lança indígena?
6. Por que as pontas e algumas flechas são de serra? E as de formatos achatados dos lados?
7. Por que o índio toca a flauta durante o seu ritual?
8. De que materiais poderiam ser feitos os enfeites da borduna?
9. Em que tipo de *caçada eram* usadas as bordunas?
10. As flechas tinham penas. Qual a finalidade?





B) Observe agora esta outra gravura:
MANUFATURAS KAINGANG

PESQ. ADEMIR SOMES CONECHU
PROF. MÁRCIO PEDRO TERENA

1. As gravuras a e b representam curucuchás. Relendo o capítulo "Visita de um parente", explique uma de suas utilidades. Pergunte aos mais velhos se havia outros usos para esses mantos.

2. Agora olhe atentamente a figura c: descreva-a em seu caderno.

2.1 Pense e responda: de que material eram feitos estes cestos? Para que serviam?

Pergunte a seus parentes: quem fabricava cestos deste tipo? Onde eram guardados? Como eram feitos os desenhos? Eram sempre iguais?

3. Imagine que hoje você gostaria de fazer um recipiente como o da figura d. De que maneira você o faria? O que colocaria dentro?

3.1. E se você vivesse no início do século XX (1901-1920, mais ou menos), como faria este mesmo objeto? O que colocaria dentro?

4. Agora olhe atentamente para as figuras e e f. Escreva uma história sobre uma delas. Se quiser, pergunte a seus pais sobre sua confecção,

PARTE IV

FONTES DE INFORMAÇÕES HISTÓRICAS E CONTEMPORÂNEAS EM ORDEM CRONOLÓGICA OS KAINGANG E A CONSTRUÇÃO DA ESTRADA DE FERRO NOROESTE DO BRASIL

ANA VERA MACEDO

1904 - Ihering, Hermann von. "Os Guayanás e Caingangs de São Paulo". Revista do Museu Paulista, tomo VI (23-44). São Paulo.

1904 - Martinez, Benigni F. "Os índios Guayanás". Revista do Museu Paulista, tomo VI (45-52).

1905 - Borba, Telêmaco M. "Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná". Revista do Museu Paulista, tomo VI (53-62). São Paulo.

1904 - Schmidt, Cornélio. "Diário de uma viagem pelo sertão de São Paulo, realizada em 1904". Anais do Museu Paulista, tomo XV (337-458). São Paulo, 1961.

1906 - Comissão Geographica e Geológica do Estado de São Paulo. Exploração dos rios Feio e Aguapehy.

1907 - Ihering, Hermann von. "A Anthropologia do Estado de São Paulo". Revista do Museu Paulista, vol. VII (202-15). São Paulo.

1907 - Comissão Geographica e Geológica do Estado de São Paulo. Exploração do Rio do Peixe.

1910 - Relatório da Comissão de inquérito sobre a situação dos conflitos na zona da Noroeste e apresentado sob a responsabilidade de Caramuru Paes Leme, do 1º tenente Pedro Ribeiro Dantas e de José da Motta Cardia, ao Cidadão tenente Cândido Mariano da Silva Rondon, Diretor Geral do SPILT, em 22.11.1910.

- 1912** - Nimuendaju, Curt. Textos Indigenistas. São Paulo: Ed. Loyola, 1982.
- s.d. - Lima Figueiredo. Índios do Brasil. Col. Brasileira. Vol. 163. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- 1913** - Cunha, Euclides. A Marjem da Historia (sic). Porto: Livraria Ebrardon.
- 1913** - Barboza, L. B. Horta. A Pacificação dos Gaingangs Paulistas (sic). Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio.
- 1916**- Freitas, Affonso A. de. "Os Guayanas de Piratininga". Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. vol. XIII (367-78).
- 1916** - Krug, Edmund. "Os índios das Margens do Paranapanema". Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. XXI (319-47).
- s.d. - Neiva, Artur. Daqui e de Longe... Crônicas Nacionaes e de viagem. Rio de Janeiro: Cia Melhoramentos de São Paulo.
- 1916** - Souza, Geraldo H. de Paula. "Notas sobre uma visita a acampamentos de Índios Caingangs" Revista do Museu Paulista, tomo X, Typ. do "Diário Oficial".
- 1923** - Barboza, L. B. Horta. Pelo Índio e pela proteção oficial - Comissão Rondon. Rio de Janeiro: Typ. Macedo.
- 1928** - Cobra, Amador Nogueira. Em um recanto do sertão paulista. São Paulo: Typ. Hennies Irmãos.
- 1938** - Piza, Marcelo. "Notas sobre os Caingangs". Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. vol. XXXV (199-209).
- 1938** - Rondon, José M. Carta a Lima Figueiredo. In: Índios do Brasil. Coleção Brasileira, vol. 163. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

1945 - Andrade, Edgard Lage. Sertões da Noroeste. São Paulo: Ed. do Autor.

1948 - Carvalho, José Ribeiro Sá. "O desbravamento dos sertões de Araçatuba". Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. XLIV (1ª parte). São Paulo.

1950 - Barros, Fausto Ribeiro de. Padre Claro Monteiro do Amaral (Trucidado pelos índios "caingangos", nos sertões do Rio Feio). São Paulo.

1951- Morais Filho, J. 6. "Pioneiros da Noroeste". Revista do Arquivo Municipal, ano XVII, vol. CXXXVII. São Paulo.

1954 - Baldus, Herbert. Bibliografia crítica da etnologia brasileira. São Paulo/Hannover - Comissão do IV Centenário - Band IV.

1954 - Shaden, Egon. "Os Primitivos Habitantes do território Paulista". Revista de História da FFCLUSP, vol. VIII, nº 18.

1958 - Viveiros, Esther. Rondon conta sua vida. Rio de Janeiro: Livraria São José.

s.d - Azevedo, Fernando. Um trem corre para o oeste. 2ª edição. São Paulo: Edições Melhoramentos.

1970 - Souza, Paulo N. Pereira de. "Vanuíre - Uma heroína do Oeste Paulista". Revista do Arquivo Municipal, vol. CLXXXI (165-75). São Paulo.

1984 - Monteiro, John M. "Vida e morte do índio: São Paulo colonial". In: Vários. Índios no Estado de São Paulo Resistência e Transfiguração. Org. da Comissão Pró-Índio de São Paulo. São Paulo: Yankatu Editora.

1986 - Ribeiro, Darci. Os índios e a Civilização. 5ª edição. Petrópolis: Vozes.

1989 - Gagliardi, José Mauro. O Índigena e a República. São Paulo: Editora Hucitec/Editora da Universidade de São Paulo/Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo.

1994 - Mota, Lúcio Tadeu. *As Guerras dos índios Kaingang*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Maringá.

1998 - Grupioni, Luis D. B. *Coleções e Expedições Vigeadas*. São Paulo: Editora Hucitec.

TESES

1992 - Erthal, Regina M. de C. *Atrair e Pacificar: A estratégia da Conquista*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. Museu Nacional/UFRJ.

1992 - Pinheiro, Niminon S. *Os Nômades. Etnohistória Caingang e seu contexto: São Paulo, 1850-1918*. Assis. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista.

1992 - Pinheiro, Niminon S. *O Mito da Ferocidade indígena: Os Caingang e a estrada de ferro Noroeste do Brasil*. Parte da Dissertação de Mestrado. Assis, UINESP.

1992 - Lima, Antônio C. de Souza. *Um Grande Cerco de Paz. Poder Tutelar e Indianidade no Brasil*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Museu Nacional/UFRJ.

ARQUIVOS

Arquivo do Estado de São Paulo (pesquisa documental e jornais)
Museu do índio - Funai - Rio de Janeiro (pesquisa documental [escrita e visual] e bibliográfica).

Museu do Forte de Copacabana - Rio de Janeiro (pesquisa visual e documental).

ÍNDICE	
APRESENTAÇÃO	5
PARTE I	13
TERRITÓRIO E HISTÓRIA KAINGANG	13
AS RIQUEZAS DE NOSSAS TERRASS	15
ALIMENTAÇÃO KAINGANG	20
ALIMENTAÇÃO: CAÇA E PESCA	24
ALDEIA E PREPARAÇÃO DA COMIDA	27
PREPARAÇÃO DOS ALIMENTOS	30
CONFRONTO ANTIGO	32
O CASAMENTO KAINGANG	34
A PREPARAÇÃO DA JOVEM	35
AS FAMÍLIAS	37
VISITA DE <i>UM</i> PARENTE	38
PARTE II	42
CHEFIA	42
GUERRA: AVISOS ANTES DOS CONFRONTOS	44
OS INVASORES	46
UM COMENTÁRIO FINAL	47
PARTE III	48
ALGUMAS SUGESTÕES DE ATIVIDADES	48
A) QUESTÕES SOBRE A GRAVURA-ARMAS	49
B) MANUFATURAS KAINGANG	50
PARTE IV	51
INFORMAÇÕES HISTÓRICAS E CONTEMPORÂNEAS	51
TESES	54
ARQUIVOS	54

ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO DO LIVRO

Ana Vera Macedo

DESENHOS HISTÓRICOS

Métraux, Alfred. "The Caingang". In: Steward, Julian H. Editor. Handbook of South American Indians. New York, 1963 p. 447 e 475.

DESENHOS DAS ILUSTRAÇÕES

autores deste livro

FOTOS

Ana Vera Macedo

REVISÃO DE TEXTO

Beatriz de Freitas Moreira

DESENHO GRÁFICO E EDITORAÇÃO ELETÔNICA

Germana Monte-Mór

**MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO**



**GOVERNO
FEDERAL**
Trabalhando em todo o Brasil